

APOSTILA ANDANDO PELO RIO DE METRÔ IV –  
BOTAFOGO/FLAMENGO/CATETE  
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA - RUA SÃO CLEMENTE, 134 -  
BOTAFOGO

Majestosa residência neoclássica erguida em 1849-50 pelo nobre português Barão da Lagoa. Foi depois residência de seu genro, o segundo Barão da Lagoa, passando às mãos de outro português, o Conselheiro Albino José de Siqueira, que reformou a casa sem alterá-la. Depois pertenceu ao negociante inglês John Roscoe Allen e este a vendeu em 1893 ao Conselheiro e advogado Rui Barbosa. Reformada e ampliada de 1893 a 97 pelo engenheiro italiano Antônio Januzzi que dotou-a de uma decoração interna em gosto eclético italianizante, foi residência da família até a morte de seu proprietário em 1º. de março de 1923. Vendida ao Governo Federal em 1927, foi transformada em casa-museu, a primeira do país, inaugurada pelo Presidente Washington Luís em 1930, destinada a preservar a memória de seu mais ilustre morador. No Museu, existe ainda o rico mobiliário e peças de arte, espalhadas pelos salões e quartos do térreo e sobrado, bem como a biblioteca particular de Rui, com mais de 36 mil livros. A casa é dotada de amplo jardim, que se converteu numa das áreas de lazer principais do bairro de Botafogo. Em 1966 foi convertida em Fundação, sendo construído em 1972 o anexo moderno nos fundos do amplo terreno, abrigando ali vasta biblioteca com mais de 100 mil títulos, arquivo, videoteca, salas de conferências, exposições e auditório. Possui lojas para venda de publicações e uma biblioteca infantil.

Quanto ao solar, de linhas neoclássicas, batizado por Rui de “Villa Maria Augusta”, em homenagem à sua esposa, é tombado pelo IPHAN.

GRANDES AMORES DA ZONA SUL - RUI BARBOSA E MARIA AUGUSTA

Rui Barbosa nasceu em Salvador, Bahia, a 5 de novembro de 1849. Jovem brilhante, distinguiu-se já em seus estudos para advocacia na Escola do Largo de São Francisco, em São Paulo. Jornalista, abolicionista e defensor dos direitos individuais do cidadão. Foi prócer da Abolição e figura destacada na República, não só como ministro da fazenda e como autor do projeto da Constituição de 1891, assim também, como representante do país na Conferência Internacional de Haia, na Holanda em 1908, onde se distinguiu.

Rui casara-se a 23 de novembro de 1876, depois de longo e epistolar noivado, com Da. Maria Augusta Vianna Bandeira, casamento feliz que lhe deu dois filhos, João e Alfredo; e três filhas: Maria Adélia Batista Pereira, Francisca Airoso e Maria Vitória Guerra “Baby”.

Até 1893, Rui, apesar de ministro e homem importante, morava em casa alugada. Neste ano, adquiriu do cidadão inglês John Roscoe Allen, por grande quantia paga em duas promissórias, a enorme propriedade da rua São Clemente, que fôra erguida para o Barão da Lagoa em 1850, cercada com enorme parque extenso de 10.000 m<sup>2</sup>.

Contratou o engenheiro arquiteto e amigo Comendador Antônio Januzzi para reformá-la, mas teve de ficar distante haja vista ter se incompatibilizado com o governo do Marechal Floriano Peixoto, quando teve de se exilar na Europa. Tendo retornado em 1897, passou a residir na rua São Clemente, cercado pela família e pelos livros (36.000!). Nos jardins, mantinha extenso roseiral.

Cansado das lides políticas e dos falsos amigos, Rui residiu seus últimos dias em Petrópolis, onde faleceu cercado pela esposa que tanto amava e filhos, no dia 01º. de março de 1923.

Ainda em 1897, batizou sua nobre morada de “Villa Maria Augusta” em homenagem à esposa, com quem viveu em idílio por mais de 46 anos.

CENTRO CULTURAL DO SESC/SENAC – RUA MARQUÊS DE ABRANTES,  
99 – FLAMENGO

O novo centro cultural do SESC e SENAC, situado no bairro do Flamengo, está instalado desde 2.003 na residência eclética de um dos pioneiros da indústria fonográfica brasileira: Frederico Figner.

Este imigrante tcheco chegou ao Brasil em 1891, estabelecendo-se em Belém do Pará. Aventureiro e excelente negociante, ganhava a vida como mágico profissional, onde apresentava novidades ligadas às recentes invenções de som e imagem que, graças à tecnologia, foram se incorporando aos lares e democratizando seu alcance. Dentre estas invenções, estavam os primeiros projetores de filmes e slides, fonógrafos e gravadores. Nove anos depois, já no Rio de Janeiro, fundou a Casa Edison, na Rua do Ouvidor e em 1902 passou a comercializar discos prensados pela empresa Gramophone. Figner montou então o primeiro estúdio de gravação do país, onde gravava músicas e discursos. Na mesma ocasião, começa a gravar música popular, sendo que o primeiro samba gravado em nosso país o foi pela sua empresa. Em 1912, Figner monta a Odeon, a primeira fábrica brasileira de discos, dando continuidade a seu bem sucedido projeto fonográfico, talvez sua maior contribuição à história cultural do Brasil.

Como judeu, Figner estava bem integrado dentro do sincretismo religioso brasileiro, sendo também espírita kardecista praticante. De uma certa forma, podemos dizer que seu ecletismo religioso se refletiu igualmente na mistura de estilos da casa.

A residência de Figner foi projetada em 1911 por Gustavo Adolphsson e construída no ano seguinte por Cláudio Seichal Bicalho. Essa construção é um dos casos onde mais se manifesta a mistura de referências estilísticas. A ornamentação das janelas do torreão e da varanda frontal é oriental. A cobertura metálica do torreão evoca a arquitetura tardo-bizantina dos Bálcãs e Rússia. No chanfro entre o cilindro e o corpo central a decoração lembra o estilo Luís XVI. Na lateral e nos fundos há um avarandado metálico do tipo chalé e ainda uma escadaria externa de desenvolvimento circular de sugestão barroca.

Após a morte de Figner, a casa continuou como residência de sua família até que a última herdeira, a historiadora Rachel Esther Figner Sisson a vendeu para o SESC. Passou então por total restauração e adaptação, sendo erguido nos fundos um prédio moderno para escritórios, salas de aulas, palestras e oficinas. No térreo do palacete foi instalado um bistrô, administrado pelo SENAC, ficando o andar nobre destinado a exposições periódicas.

O palacete é tombado pela Municipalidade.

PALÁCIO DO CATETE - MUSEU DA REPÚBLICA

O 1º. barão de Nova Friburgo mandou erguer no Rio de Janeiro, de 1858 a 1865 o famoso palácio do Catete, projetado em estilo neoclássico pelo

engenheiro alemão Gustav Waehneltd, e que na República sediaria o poder executivo de 1897 a 1960, e desde então museu deste regime.

Conta-se a lenda de ter o palácio do Catete custado a assombrosa soma de 10.000 contos de réis, mas os recibos sobreviventes atestam o contrário, somando apenas 400 contos. Com certeza, o barão utilizou como operários seus muitos escravos, servindo-se de grande pedreira existente nas proximidades da rua Santo Amaro. Gastou-se, sim, muito na decoração, iniciada ainda em 1861, quando foram encomendados os primeiros móveis na Alemanha. Mármore europeus foram comprados para revestir a fachada e até a grande escadaria central em ferro fundido, francesa, foram trazidos com cuidado e ali instalados.

As estátuas de mármore, os enormes espelhos, os grandes retratos a óleo, hoje nos museus Imperial e da República, o mobiliário severo de jacarandá, tudo acusava o requinte artístico e intelectual do construtor do palácio do Catete, o qual, aos timoratos e prudentes que o desencorajavam nas suas grandes obras, ironicamente respondia: “As minhas asneiras eu as faço de pedra e cal...”.

Coordenou a construção o pintor alemão Emílio Bauch, que morreria louco anos depois no Rio de Janeiro. O barão transformou o palácio num museu de arte, onde reuniu coleções de medalhas, miniaturas de marfim, rendas de Veneza, casulas romanas, livros com ferro no dorso e douraduras no rebordo das folhas, porcelanas chinesas e japonesas, taças de ônix, urnas de âmbar, cálices de cristal da Boêmia, anéis, colares, pedras gravadas, esmaltes de Limoges, camafeus de Florença e mosaicos bizantinos. Panóplias de armas antigas ornavam as paredes do solar desse mecenas de vários pintores nossos, particularmente dos paisagistas. Telas de Emílio Bauch e Edouard Vient; pinturas murais de Gastão Tassani e Mário Bragaldi, os dois últimos, aliás, também decoradores do palácio da Quinta Imperial da Boa Vista, em São Cristóvão. Joaquim Nabuco referia-se a ele como “...o Mecenas da Renascença no Brasil”.

Possuía uma coleção de instrumentos de música e, caprichosas eram as centenas de leques e máscaras que costumava adquirir em Paris para mimosear as fidalgas e as ricas que iam aos bailes à fantasia do solar do Catete, festas que se espalhavam pelo parque, no qual possuía portentosos jardins desenhados pelo paisagista francês Auguste Marie François Glaziou. Mandou o barão fazer na Itália seis estátuas de gaviões em mármore para a fazenda Gavião. Ao chegarem no Rio de Janeiro, gostou tanto das esculturas que as colocou no palácio do Largo do Valdetaro. O povo, confundindo-as com águias, criou o apelido “Palácio das Águias”, que perdura até hoje no Catete. Na república, colocaram em seu lugar seis estátuas de ferro com personagens históricos, substituídas em 1910 pelas harpias de bronze desenhadas por Bernardelli e até hoje igualmente confundidas com águias.

Muito se discutiu o porquê do palácio ficar colado nas divisas do terreno, com tanto espaço livre para fazê-lo solto no meio do amplo jardim. Inventaram uma lenda de isso ter ocorrido por influência da baronesa, que desejava ver a rua e o movimento da janela, pois estava cansada da vida na fazenda. Não é verdade. Hoje sabemos que o barão intentou adquirir os terrenos do lado esquerdo do palácio, fechando a rua Silveira Martins e incorporando essas terras ao parque do palácio. Sua morte prematura fez abortar esse objetivo.

O barão e a baronesa pouco tempo residiram em suas magníficas casas. Ele faleceu no palácio do Catete, a 4 de outubro de 1869 e a baronesa, logo a seguir, em Nova Friburgo, a 9 de janeiro de 1870. O solar do Gavião e o Palácio do Catete ficaram inconclusos. Com a morte dos pais, os dois filhos sobreviventes ficaram na posse de todos os bens que não foram então divididos e sim administrados em conjunto por ambos até 1880. Tais bens compreendiam não só o palácio do Catete, como prédios em vários pontos da cidade do Rio de Janeiro, quinze fazendas na Província do Rio de Janeiro, entre as quais a do Gavião, Areias e Córrego, em Nova Friburgo e Cantagalo, que eram trabalhadas por 2.500 escravos e colonos.

Antes da abolição, em 21 de abril de 1888, Antônio e Bernardo Clemente Pinto libertaram todos os 1.300 escravos que possuíam. Por este ato, D. Pedro II deu justamente aos irmãos o título de conde, respectivamente de São Clemente e Nova Friburgo, referendados por decreto de 25 de abril de 1888. Falido pouco depois, Antônio Clemente Pinto vendeu o palácio para a empresa “Grande Hotel Internacional” transformá-lo em hotel (Seu irmão Bernardo Clemente residia num casarão onde hoje está o Colégio Bennett, na rua Marquês de Abrantes). Em 1891 essa empresa faliu devido à crise econômica do ensilhamento sem ter começado a funcionar.

Vendido o palácio ao Conselheiro Francisco de Paula Mayrink, nele residiu por cinco anos, depois empenhando-o, por dívidas, ao Banco do Brasil. O presidente Prudente de Moraes aproveitou a oportunidade para pagar o empenho e tornar a união proprietária do imóvel, o qual depois de reforma que não o desfigurou, converteu-o em palácio presidencial. Foi reaberto em sua nova função em fevereiro de 1897 pelo vice-presidente em exercício, Manoel Vitorino Pereira, sendo usado como tal até 1960. Os trabalhos de adaptação do palácio em sede governamental foram comandados pelo engenheiro civil Aarão Reis, o projetista de Belo Horizonte. A luz elétrica foi instalada pelo engenheiro eletricitista Adolpho Aschoff. Vários pintores retocaram as obras murais de velhos mestres, ressaltando os artistas Antônio Parreiras e Armando Vianna. O Presidente do Banco do Brasil, Fernando Guerra Duval, doou seis estátuas de ferro, as quais foram colocadas no ático. Por serem muito pesadas, foram substituídas em 1912 por águias de bronze (ou gaviões de penacho. Os ornitólogos se dividem sobre o que sejam) obras de Rodolfo Bernardelli. Os jardins foram todos refeitos por Paul Villon, discípulo de Glaziou. Um velho chafariz de pedra que havia sido colocado defronte ao palácio, na rua do Catete, foi dali tirado e recolocado no meio da aléia das palmeiras do jardim interno, ali ficando até hoje. Somente o segundo andar do palácio, correspondente aos salões nobres, sobreviveram com poucas alterações.

O prédio atravessou todas as vicissitudes do novo regime nas seis primeiras décadas do século XX, sendo a mais marcante o suicídio do presidente Getúlio Vargas, após grave crise política, num quarto do terceiro andar, a 24 de agosto de 1954. Seis anos depois, o Presidente Juscelino Kubitschek o fechava no dia 21 de abril de 1960, transferindo o governo para a nova capital no planalto central. Desde então nele foi instalado o Museu da República, subordinado ao Museu Histórico Nacional.

Em 1983, o Museu da República foi desmembrado como unidade autônoma.

ANTÔNIO CLEMENTE PINTO - BARÃO DE NOVA FRIBURGO

Antônio Clemente Pinto nasceu a 6 de fevereiro de 1795 (uma outra fonte registra 6 de janeiro...) na freguesia de Ovelha do Matão, em Portugal. Em 1808 mudou-se para o Brasil com seus quatro irmãos, onde se tornou comerciante. Conta uma lenda que ao prestar socorro ao Visconde de Ubá, João Rodrigues Pereira, por ocasião de uma queda de cavalo, recebeu dinheiro e conselhos que soube ampliar e gerar fortuna. Outra fonte informa ter Antônio obtido tanta fortuna por ter sido procurador dos bens de poderosa família baiana no Rio de Janeiro, donde, anos depois, sobreveio-lhe o apelido de “barão das notas falsas”, pois creditava-se a Antônio pouca lisura nesse ofício. Seja como for, ficou muito rico.

Em 1829 embrenhou-se nos “Sertões do Leste”, onde inicialmente o atraiu a cata do ouro que se explorava ali há algum tempo. Logo esqueceu essa aventura e tornou-se proprietário de várias sesmarias, que cobriu de cafezais. Em determinada época chegou a possuir trinta léguas de terras. Recebeu o título de Barão de Nova Friburgo por decreto de 28 de março de 1854, e de barão com grandeza, em 23 de abril de 1860; era, ainda, dignitário da Imperial Ordem da Rosa e possuía o hábito de Cristo. Foi casado desde 1829 com D. Laura Clementina da Silva, sua prima-irmã, filha de João Clemente Pinto e de D. Teresa Joaquina da Silva. Foram pais de Antônio Clemente Pinto, o futuro conde de São Clemente, nascido em 1830; Bernardo Clemente Pinto Sobrinho, o futuro 2º. barão, visconde e conde de Nova Friburgo, nascido a 11 de novembro de 1835 e João, falecido menor.

O Barão faleceu em seu palácio em 1869, acompanhando-o a Baronesa ano seguinte.

#### PRÉDIOS DA RUA DO CATETE 126 A 196 E 179 A 187

Tombados pelo IPHAN para compor a ambiência do Palácio do Catete, representam típicos exemplos de arquitetura particular eclética de meados do século XIX. Serviam para uso residencial; algumas são até hoje utilizadas para o comércio. Apresentam-se com portas no térreo, janelas rasgadas com sacadas corridas ou isoladas, terminando em cima por platibandas decoradas, algumas encimadas por estatuetas ou vasos de estuque. A mais antiga parece ser o grande sobrado de esquina da rua Corrêa Dutra, antigo Carson Hotel, depois loja Renascença e hoje desocupado. Parece que os dois andares inferiores datam de c. 1800.

Milton de Mendonça Teixeira.